III Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVIII Jornadas de Investigación Séptimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2011.

As representações sociais dos jovens sobre o ato de ler.

Nogueira Da Silva Moroto, Edna, Costa Moreno, Flávia Cristina y Franco Barbosa Puglisi, María Laura.

Cita:

Nogueira Da Silva Moroto, Edna, Costa Moreno, Flávia Cristina y Franco Barbosa Puglisi, María Laura (2011). *As representações sociais dos jovens sobre o ato de ler. III Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVIII Jornadas de Investigación Séptimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: https://www.aacademica.org/000-052/57

ARK: https://n2t.net/ark:/13683/eRwr/aND

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto*. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: https://www.aacademica.org.*

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS JOVENS SOBRE O ATO DE LER

Nogueira Da Silva Moroto, Edna; Costa Moreno, Flávia Cristina; Franco Barbosa Puglisi, María Laura
Centro Universitário- UNIFEO. Brasil

RESUMEN
Muitos são os discursos proferidos sobre a não leitura dos jovens e/ou de sua resistência frente a essa atividade. Neste estudo, interessou-nos detectar as representações sociais que os estudantes desenvolvem sobre a leitura principalmente aquela instituída pela escola, a fim de identificar, analisar e elaborar intervenções adequadas para rever e transformar ações, objetivando o melhor ensino e desenvolvimento da capacidade leitora dos alunos. E, ao mesmo tempo, contribuir para a melhoria na prática pedagógica, considerando a relação professor/aluno. Ao estudar as RS que são elaboradas é bem provável que se consiga captar os elementos dos significados ou sentidos que indiquem os motivos para as resistências apresentadas. Participaram desse estudo 44 estudantes de uma escola pública. Como instrumento, utilizamos um questionário composto de questões abertas e fechadas. Foi incluída uma atividade de associação livre. As informações provenientes das questões fechadas serão submetidas a uma análise percentual, bem como os decorrentes das categorias que serão construídas. Os dados obtidos, a partir das respostas dadas às questões abertas, serão submetidos à Análise de Conteúdo. A escolha dos participantes alunos justifica-se pela importância de pesquisas que contribuam para o desenvolvimento de propostas educacionais.

Palabras clave
Representações Sociais Jovens leitura

ABSTRACT
SOCIAL REPRESENTATIONS OF YOUNG PEOPLE TO READ ABOUT THE ACT
Many speeches are not reading about young people and / or their resistance against this activity. In this study, we became interested in detecting the social representations that students develop about reading especially those instituted by the school in order to identify, analyze and develop appropriate interventions to review and change actions, aiming at better teaching and developing students' capacity reader . At the same time, contribute to improving teaching practice, considering the teacher / student relationship. By studying the SR is well developed that are likely to be able to capture the elements of the meanings or meanings that indicate the reasons for the resistance presented. 44 students participated in this study at a public school. As a tool, we used a questionnaire composed of open and closed questions. It included an activity of free association. The information from the closed questions will be submitted to a percentage analysis, as well as those stemming from the categories that will be built. The data obtained from responses to open questions will be submitted to content analysis. The choice of participating students is justified by the importance of research that contributes to the development of educational proposals.

Key words
Social Representations Young Reading

1 INTRODUÇÃO

A dita "resistência" dos alunos em ler os textos indicados pela escola, atestadas e divulgadas por outros professores, é a tônica desse trabalho, considerando o papel que a leitura desempenha na formação das pessoas, especialmente, na formação dos nossos alunos.
Na perspectiva de buscar algumas respostas para as nossas inquietações, este projeto se constrói motivado pela ideia de compreender as representações sociais que os jovens elaboram sobre a leitura.

O JOVEM E O ENSINO DA LEITURA NA ESCOLA

A leitura faz parte do cotidiano das pessoas, mas é na educação formal que devem ser exercitadas as práticas, de maneira organizada. A utilização de textos que circulam nas ruas e em casa constitui uma opção preciosa no dia a- dia escolar em todos os níveis de ensino. Na verdade, o exercício de ler é multifacetado, eclético. Importante que atenda às exigências do grupo que o executa.
Segundo Paulo Freire (1982), para tentar tornar os alunos bons leitores, ampliar as suas histórias de leituras, desenvolver muito mais do que a capacidade de decodificar e desenvolver o compromisso com a leitura, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (também ler para aprender) requer esforço. Ler nem sempre é um ato prazeroso, mas é extremamente necessário para o ser humano adquirir conhecimento, conhecimento este que faz a grande diferença entre os homens. A escola também deverá dar condições favoráveis para a prática de leitura.
Ela é local privilegiado para promover encontros prazerosos com a leitura, pois, segundo José Juvêncio Barbosa (1990 *Apud* Bordini e Aguiar 1993), quando um jovem não encontra utilidade na leitura, o professor deve fornecer-lhe outros exemplos.
É fato que leitura somente se efetiva quando o leitor pode olhar o texto, associá-lo a sua história de leitura, juntamente com sua visão de mundo, e então, construir-lhe um sentido.

2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: O CAMINHO TEÓRICO

Mobilizamos por sua relevância, as Teorias das Representações Sociais, considerando que as representações são comportamentos em miniaturas.

Moscovici (apud Franco, 2004) esclarece que sujeito e objeto não são funcionalmente distintos, eles formam um conjunto indissociável.

Nesse sentido, as representações sociais são criadas para ocultar ou mesmo elaborar imagens de uma realidade objetiva. E porque são compartilhadas, elas também podem proporcionar estabilidade entre os membros de um grupo. Conforme destaca Gilly (2001), a Teoria das Representações Sociais em Educação vai além das técnicas, métodos, leis, funcionamento cognitivo e biológico do indivíduo, na medida em que percebe os sujeitos como integrantes de um sistema social interativo.

Esse referencial teórico-metodológico torna possível compreender que os alunos elaboram conhecimentos do senso comum a respeito da leitura, sobretudo com base na própria cultura escolar em que estão inseridos.

3 A PESQUISA

Este estudo foi desenvolvido em dois momentos: no primeiro momento realizou-se a pesquisa bibliográfica. No segundo momento, realizou-se uma pesquisa empírica com a participação de alunos de uma escola pública.

1 OBJETIVOS

O foco principal do presente trabalho é detectar as Representações Sociais que jovens estudantes desenvolvem sobre a leitura, principalmente aquela instituída pela escola, a fim de identificar, analisar e elaborar intervenções adequadas para rever e transformar ações, objetivando o melhor ensino e desenvolvimento da capacidade leitora dos alunos.

2 PARTICIPANTES

O banco analisado no presente trabalho foi consolidado com 44 alunos, escolhidos aleatoriamente, que frequentam a escola pública, cursando o segundo e o terceiro anos do Ensino Médio, na modalidade regular, que estudam no período da manhã.

3 COLETA DE DADOS/ INSTRUMENTOS

Para captar o conteúdo de suas representações - expresso no conjunto de suas relações - foi utilizado o questionário com perguntas abertas e fechadas.

4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

As informações provenientes das questões fechadas foram submetidas a uma análise percentual, bem como os decorrentes das categorias que foram construídas. Os dados obtidos, a partir das respostas dadas às questões abertas, foram submetidos à Análise de Conteúdo, concebida como um procedimento utilizado para fazer inferências a partir das mensagens.

4 **APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

4.1 O CONTEXTO EM QUESTÃO

Os participantes desta pesquisa são jovens procedentes da escola pública da periferia, do estado de São Paulo. Uma Escola de Ensino Médio, que funciona nos períodos matutino (1º, 2º e 3º anos), vespertino (apenas os 1º anos) e no noturno (atende 1º, 2º e 3º anos), totalizando 1500 alunos.

A escola oferece, além das disciplinas que compõem o currículo, disciplinas diversificadas, como por exemplo, curso de língua estrangeira moderna (espanhol). Há também sala de informática em funcionamento e sala de multimídia.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DO ESTUDO

Participaram deste estudo 44 jovens, sendo que 56,82% pertencem ao sexo feminino e 43,18% ao masculino. A faixa etária do público pesquisado é de 16 a 21 anos. Revelaram-se solteiros 97,73% e apenas 2,27% se declararam casados. No que tange à moradia, 100% declararam que moram com a família, a qual é entendida aqui em suas variantes.

Os jovens que afirmam participação religiosa totalizam 47,42%, com destaque nesse quesito o grupo masculino, responsável por 27,27% do percentual total; frente ao grupo feminino que representa 20,45% com respostas afirmativas. Consta nesse grupo, o total 4,54% que não se posicionaram. É importante justificar a separação de gêneros nesse item, pois ao contrário do que é esperado, os números apontam que os jovens do sexo masculino participam mais das atividades religiosas que as meninas.

A internet é acessada por 95.45% dos pesquisados. O local de acesso é em casa totalizando 68.41%. Outros locais como: casa de amigos, casa de parentes ou local de trabalho aparecem ocupando 11,18%. A *lan house* é também indicada como local de acesso com 6,81% e a escola, embora tenha laboratório de informática, aparece como o local menos utilizado pelos alunos para acesso à internet, com o percentual de 9,05%. Considerando que a escola está equipada com uma sala de informática e seus devidos monitores, supõe-se que ela não está sendo, devidamente aproveitada como ferramenta de aprendizagem.

No que se refere à leitura de texto na internet, 57,14% se dizem leitores de todos os tipos de textos, como por exemplo: blogs, fóruns, horóscopo, mensagens religiosas e de amigos, atualidades, músicas, frente a 14,28 que declarou que lê somente notícias e textos informativos, 14,24% declararam que leem textos literários, principalmente poesias.

4.3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A LEITURA DOS JOVENS

Tomar a Representação Social como categoria de análise significa analisar determinadas situações sob a ótica das interações humanas. Segundo Moscovici (2003, p.40), “todas as interações humanas, surjam elas entre

duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações.*"* Nesta perspectiva, as representações sociais analisadas abordam sobre as percepções que os jovens pesquisados elaboram sobre a leitura e sobre o ato de ler.

Neste contexto, quando questionados se gostavam de ler e por que, os participantes tiveram três posicionamentos: sim, não e às vezes.

Verificamos que para 56,45% dos participantes a leitura está ligada à produção de conhecimento, à informação e 43, 54% deles se remetem à leitura como forma de entretenimento. Parece-nos, em princípio que os participantes atribuem à leitura um valor dicotômico, pois, informar que está relacionada à formação intelectual, voltado para a racionalidade, menos afetividade, entreter está relacionado à afetividade, pois vista assim, a leitura é revestida de prazer.

Observa-se praticamente uma unanimidade por parte dos jovens em dizer que gostam de ler, bem como em dizer a importância da leitura para adquirir informação e para aprender, o que demonstra que eles reconhecem que é importante ler e veem na leitura uma forma de obter conhecimento e informação, de acordo com as opiniões expressas a seguir:

Eu acredito que a leitura é muito importante pra gente ter conhecimentos. Os livros são bons pra gente aprender sobre literatura, sobre outras histórias, pra gente aprender a escrever. (Jovem participante, 16 anos, entrevista, 2010)

Gosto de ler sim, porque acho que lendo posso aprender outras historias, aprender e alimentar a mente, além disso, porque adquiro conhecimentos e fico por dentro das atualidades. (Jovem participante, 16 anos, entrevista, 2010)

A partir do que os jovens dizem, é possível depreender que a leitura faz parte de suas vidas, de seu cotidiano e que reconhecem a necessidade de ler.

Nas justificativas, para as respostas "às vezes" é perceptível que alguns leitores desta pesquisa se relacionam com a leitura como uma ação descompromissada que pode estar ligada à situação de entretenimento, já que eles lhe atribuem uma ação desobrigada, pois leem quando não tem nada para fazer". Talvez seja essa uma das justificativas que emergem o discurso da resistência para ler, isto é, leem quando se sentem desobrigados e leituras não reconhecidas pela escola, pelos professores como leituras válidas, como declara um dos participantes *"gosto de ler quando tenho vontade, não quando os outros mandam*". (Jovem participante,17 anos, entrevista, 2010).

A esse respeito, pensamos que isso se deve ao fato de que, ao longo dos anos, a leitura de livros, especialmente de literatura e didáticos, tem sido tomados como que a única leitura realmente válida. Parece claro que os alunos não se interessam pelas leituras, no entanto, não deixam de ler, ainda que seja às vezes.

Outro fato interessante que apontam as respostas para essa categoria é a declaração dos alunos que dizem: "*leio em sala de aula, porque não tenho tempo de ler fora da escola, mas quando faço isso, na sala, o professor fica muito bravo e me manda fechar o livro ou a revistinha que estou lendo" (Jovem participante, 17 anos, entrevista 2010).*

Saber o que os participantes leem é outra forma de conhecer o público que está participando da pesquisa, tanto quanto saber quais são os sentidos atribuídos à leitura. Nessa perspectiva, para a pergunta "o que você lê"? surgiram os seguintes resultados: 53,33% dos entrevistados declararam que leem obras literárias, como por exemplo, livros de poesia, de ficção, dramas, romances, contos, mangás entre outros, 28,88% se relacionam mais com os textos não literários como notícias, jornais, revistas de esportes e fofocas, livros didáticos, apostilas de concursos e 17,77% se declararam leitores de livros relacionados à espiritualidade, como por exemplo, a bíblia, livros de autoajuda e os que debatem a religião.

Os alunos leem os mais diversos gêneros de textos, como se observa nos dados acima. Destacam gostar de ler livros dos mais variados assuntos, folhetos, jornais, revistas, textos oriundos de meios eletrônicos, livros didáticos disponibilizados na escola. Considera-se também com base, em Silva (2002), que os professores trazem para sala de aula uma variedade significativa de materiais, para leitura e, com base nesses materiais desenvolvem atividades prazerosas e significativas para seus alunos.

Na pesquisa às respostas relacionadas aos textos literários, os livros de contos foram indicados como o material mais lido, seguidos pelos livros de poesia e com incidências proporcionais, seguem os outros gêneros textuais.

Esse dado é relevante, pois, torna-se claro que é preciso, portanto, oferecer aos jovens diversas modalidades de leitura, pois não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam somente durante as atividades na sala de aula, ou apenas o livro didático apenas porque o professor pede. O trabalho com a diversidade textual é talvez a primeira e a mais importante estratégia didática para a prática da leitura.

A leitura da Bíblia se mostra como uma modalidade praticada, um fato relevante por não estar veiculada à escola, que ainda é uma das grandes mediadoras de leitura.

Na questão aberta (Para você ler é?) as representações elaboradas pelos alunos pesquisados sobre o que é ler, os dados obtidos possibilitaram a organização de duas categorias: leitura como fonte de conhecimento, leitura como entretenimento.

Por meio dos resultados é possível perceber, que a maior parte dos alunos atribui à leitura um valor, quer seja como meio de obter conhecimento, quer seja como via de entretenimento. Observa-se que 73,33% dos alunos representaram a leitura como fonte do conhecimento, isto é, o conhecimento é o núcleo da representação. Todavia, a palavra "prazer", não apareceu de maneira explicita nenhuma vez. Assim, podemos supor que os jovens pesquisados representam a leitura como fonte do conheci-

mento destituindo-a do sentido de prazer, embora a tenham revestido com o sentido de entretenimento.

A análise da pergunta "Você é incentivado a ler? Sim/não? Por quem", parte do que os participantes responderam sobre ela. As informações fornecidas foram as seguintes: os participantes em sua maioria afirmam que são incentivados a ler. Quando perguntados sobre as pessoas que os incentivam, a respostas se referiram à família, amigos e professores.

Observamos que 77,72% responderam que são incentivados a ler, 27,28% dos participantes responderam que não são incentivados. Para a pergunta "Quem os incentiva?" 15,90% responderam que recebem incentivos dos professores e da escola, 31,18% responderam que recebem incentivos dos familiares e indicaram as mães como as principais incentivadoras da leitura, 4,5% apontaram amigos e 2,72% declararam que a igreja é quem os incentiva. Esses dados são importantes, pois, apontam a família e os professores como principais influenciadores.

Os depoimentos utilizados em nosso estudo comprovam que a leitura na escola ainda é tida como obrigação e usada como uma atividade avaliativa. Em casos extremos, "há prova do livro" para certificar-se de que o aluno cumpriu com a obrigação de ler.

"Não leio as leituras que os professores mandam, porque eles não sabem escolher um bom livro, escolhem sempre livros que nada tem a ver com o nosso mundo".

"Não leio porque não vejo o sentido de ler para fazer uma prova, vou à internet, pego o resumo e pronto".

A esse respeito, Abramovich (1997:148), nos alerta quando afirma que se a leitura: "Se for mais uma lição de casa, a gente bem sabe no que é que dá… Cobrança nunca foi passaporte ou aval para a vontade, descoberta ou paro crescimento de ninguém…" (p. 148, 2008).

Segundo Barthes (1977), o leitor pode ser comparado a uma aranha: à medida que tece sua teia, segrega a substância com a qual a fabrica, ou seja, ele projeta sobre o texto todo seu conhecimento de mundo. Daí vê a leitura como construção de subjetividades, na qual envolve preferências, escolhas e, como diz Daniel Pennac (1993:139), direitos. Direito de pular páginas, de ler primeiro o final, de escolher qual livro ler e até mesmo de não ler.

No que diz respeito à representação que os participantes elaboram sobre a importância da leitura dos textos indicados por professores, podemos observar que 100% dos pesquisados afirmam que é importante fazer a leitura dos textos indicados por vários motivos como, demonstram os indicadores; 33,33% relacionaram a indicação dos professores como um meio de obterem um arcabouço cultural, 6,66% legitimaram os professores e a escola como um lugar de promoção de aprendizagem, 35,35% afirmaram que é importante a leitura indicada pelo professor para acrescentar a aprendizagem e os conhecimentos, 17,77% dos pesquisados não se posicionaram de forma clara, deram respostas abrangentes e evasivas sobre o assunto, pois remetem as indicações como algo que possa ajudá-los em algum momento ou que possa chamar a atenção por algum motivo, todavia não atribuíram um valor concreto a ela ou como é feita e 4,44% veem as indicações como algo obrigatório que devem fazer apenas para conseguir notas.

Ressalvamos que para os entrevistados (as), conforme demonstram os resultados, a leitura feita em sala de aula assume uma avaliação que oscila na esfera positiva e outra que fica a desejar. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que essas leituras são vistas como boas porque auxiliam a aprendizagem, logo em seguida, são vistas com uma conotação negativa, pois, o aluno faz essa leitura de forma mecânica. Sob essa perspectiva, podemos visualizar essas oscilações nos seguintes depoimentos:

"A leitura em de aula, auxilia a produtividade escolar e entendimento de texto, podemos tirar nossas dúvidas e interagir como os nossos colegas e professores o que entendemos".

"Vejo que a leitura em sala de aula não acontece de forma satisfatória, atualmente, boa parte dos que leem, leem de forma automática, sem entender um ponto sequer do que está lendo, isso é trágico para a aprendizagem."

Em verdade essas oscilações são decorrentes de vários fatores existentes no contexto escolar que contribuem, de forma não positiva, para o cotidiano das práticas leitoras. Entre esses fatores, podemos mencionar a prática baseada nos textos que são fornecidos pelos professores, sem considerar o contexto que o aluno está inserido, distanciando cada vez mais o aluno da possibilidade de se formar leitor.

5 .CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as representações sociais sobre a leitura que os participantes desta pesquisa elaboram, sob a orientação Teoria das Representações Sociais, constatamos que há jovens leitores. O número apresentado de repostas positivas comprova que não há, no grupo pesquisado, fundamento no discurso que circula sobre a não leitura dos alunos, uma vez que o total de 85,70% afirma que lê.

Por meio dos dados obtidos, encontramos leitores que cultivam o hábito de ler literatura, principalmente, que os se dedicam à atividade de leitura com gosto, como uma forma de melhorar o português, enriquecer os conhecimentos e preparar-se para o vestibular da faculdade e do ingresso no meio social letrado.

Conhecer, pois, as representações sociais dos alunos a respeito da leitura é um dos passos para a (re) organização pedagógica que deve considerar as condições concretas de vida dos alunos. Pensamos que a escola deve favorecer a circulação de informações, preocupando-se com a diversidade das práticas de recepção dos textos.

Partindo da apreciação do aluno por determinadas obras, a escola deve construir pontes entre textos de entretenimento e textos mais complexos, estabelecendo as conexões necessárias para ascender a outras

formas culturais. Assim, o aluno poderá estabelecer vínculos cada vez mais estreitos entre o texto e outros textos, reconhecendo o caráter ficcional e a natureza cultural da literatura. É preciso trabalhar o componente livre de leitura, para que o aluno, ao sair da escola, não deixe os livros para trás. É de fundamental importância envolver toda a comunidade escolar nesse processo de formação de leitores.

Para finalizar, fica aqui uma reflexão: dizer que os alunos não gostam de ler é muito cômodo. Por que não partir da realidade do aluno, do que eles já têm, ou seja, partir das leituras que os alunos já fazem para inserir, aos poucos, leituras mais complexas? Será que desta forma os alunos não irão se "render" e, quando se derem conta, já terão se tornado leitores assíduos?

Não podemos deixar de pensar que a vida moderna trouxe para a escola um outro jovem que necessita ter uma formação baseada nos valores do grupo social. Logo, a estrutura atual e o funcionamento da escola necessitam ser repensadas para que possam atender a esse jovem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abramovich, F. Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices. São Paulo: Scipione, 2008

Barthes, Roland. O Prazer do Texto. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1977.

Bordini, M. da G. e Aguiar, V. T. de. Literatura - A formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado aberto, 1993.

Franco, Maria Laura P. B. Representações Sociais, Ideologia e Desenvolvimento da Consciência. Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas. São Paulo: Autores Associados, V. 34, n. 121, p. 169-186. jan./abr. 2004.

Franco, Maria Laura P. B. Análise de Conteúdo. 2ª edição. Brasília, D. F.: Liber Livros, 2007b (Série Pesquisa v. 6).

Franco, Maria Laura P. B. (coord.). Representações sociais de jovens e professores e suas implicações para o ensino/aprendizagem. Projeto Temático. Programa de Mestrado em Psicologia Educacional. Centro Universitário FIEO - UNIFIEO. São Paulo, 2007 a. mimeo.

Franco, Maria Laura P. Barbosa. Novaes, Gláucia Torres Franco. Os jovens do ensino médio e suas representações sociais. Cadernos de Pesquisa, n. 112, p. 167-183, mar. 2001.

Freire, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez, 2008.

Gilly, M. (2001) As representações sociais no campo da educação. Em: Jodelet, D. (Org.), As representações Sociais, (pp. 321- 341). Rio de Janeiro: Ed UERJ.

Moscovici S. Representações sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis (RJ): Vozes; 2003.

Moscovici S. Representações sociais: investigações em psicologia social. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2004.

Moscovici S. sociais: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro, Vozes, 2007.

Pennac, D. Como um Romance. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.